

Razão, ciência e secularismo: o desafio da apologética cristã no século XXI

Djesniel Stheieny Krause*
Rodomar Ramlow**

Resumo

A apologética cristã está longe de ser apenas uma resposta às críticas iluministas à religião. Ela faz parte da tradição teológica desde os dias do Novo Testamento. O objetivo do presente trabalho consiste em demonstrar que a apologética cristã pode ter ao menos três grandes benefícios para a Igreja cristã no contexto brasileiro do século XXI, respondendo, assim, ao desafio da secularização. Tais benefícios passam pela evangelização de não cristãos; o fortalecimento da fé de cristãos e a manutenção de um ambiente cultural favorável à fé cristã.

Palavras-chave: Apologética; Secularismo; Ciência; Razão; Ateísmo.

Reason, Science, and Secularism: The Challenge of Christian Apologetics in the 21st Century

Abstract

Christian apologetics is far from just a response to Enlightenment's criticisms concerning religion. It is part of the theological tradition since the New Testament's days. This work's purpose consists in demonstrate that Christian apologetics can have at least three great benefits for the Christian Church in the Brazilian context of the 21st century, therefore responding to the challenge of secularization. Such benefits pass through the evangelization of non-Christians, the strengthening of Christians' faith and the maintenance of a cultural environment favorable to the Christian faith.

Keywords: Apologetics; Secularism; Science; Reason; Atheism.

* Bacharel em Administração e em Teologia, especialista em Cristianismo e Política pelo Seminário Teológico Jonathan Edwards (Caruaru - PE). Docente de Administração e Logística em Geração de Emprego, Renda e Desenvolvimento Regional (GERAR). djesniel@yahoo.com.br .

** Doutor e Mestre em Teologia pela Faculdade EST; Bacharel em Teologia; Tecnólogo em Gestão Pública pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Especialista em Gestão de Pessoas pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). rodomar.ramlow@gmail.com .

Razón, ciencia y secularismo: el desafío de la apologética cristiana en el siglo XXI

Resumen

La apologética cristiana está lejos de ser solo una respuesta a las críticas de la Ilustración a la religión. Ella es parte de la tradición teológica desde los días del Nuevo Testamento. El objetivo de este trabajo consiste en demostrar que la apologética cristiana puede tener al menos tres grandes beneficios para la Iglesia cristiana en el contexto brasileño del siglo XXI, respondiendo así al desafío de la secularización. Tales beneficios pasan por la evangelización de los no cristianos; el fortalecimiento de la fe de los cristianos y el mantenimiento de un ambiente cultural favorable a la fe cristiana.

Palabras clave: Apologética; Laicismo; Ciencia; Razón; Ateísmo.

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo tratar a temática da apologética cristã no cenário nacional. Reforça-se a importância do tema com sugestões de como a igreja cristã brasileira pode lidar com o desafio do secularismo. Embora diversas publicações sobre o assunto estejam sendo feitas no contexto europeu e norte americano, com autores como Alvin Plantinga, William Lane Craig e Alister McGrath, há uma carência de livros e artigos que analisem o desafio apologético em solo especificamente brasileiro.

A primeira parte deste artigo resgata a definição de apologética cristã, abordando um breve relato histórico da sua importância ao longo da grande tradição teológica cristã. Também, três benefícios gerais serão apresentados em três subdivisões da primeira parte.

O primeiro grande benefício abordado será a evangelização de não cristãos. Pode-se encontrar a acusação de que aqueles que abraçam a fé cristã estariam cometendo uma espécie de suicídio intelectual. Portanto, a apresentação de argumentos convincentes que demonstrem a veracidade e a confiabilidade da fé cristã pode ser de grande utilidade para possibilitar uma conversão ao cristianismo. Para demonstrar a validade de tal alegação, o artigo trará como exemplo a experiência de C. S. Lewis.

O segundo grande benefício seria o fortalecimento da fé dos próprios cristãos. Diante da necessidade de o cristão defender sua fé, terá de aprofundar-se no conhecimento das proposições inegociáveis dos conteúdos dessa fé, fazendo com que essa torne-se cada vez mais bem informada e robusta.

O terceiro grande benefício seria a formação de um ambiente cultural mais favorável à evangelização. Uma geração que nasce e vive em um

ambiente cultural completamente secularizado terá maiores dificuldades em abraçar o evangelho. Assim, uma das principais tarefas da apologética cristã seria contribuir para manter um ambiente cultural favorável ao cristianismo.

A segunda parte do artigo tratará diretamente sobre o desafio apologético no contexto brasileiro do século XXI. Analisa-se a possibilidade da utilização dos argumentos moral, cosmológico e teleológico para a existência de Deus, passando a uma breve apresentação deles.

2. Apologética cristã, definição e história

Apologética cristã é um termo técnico que designa a defesa verbal de proposições concernentes à teologia cristã em ambientes intelectualmente hostis à religião em geral e ao cristianismo em particular. Oferece, assim, argumentos que visam demonstrar e explicar, com respeito e temor, os conteúdos da fé cristã. De acordo com Francis Beckwith, a palavra apologética “deriva-se da palavra grega *apologia* que é um termo legal relativo à defesa de alguém no tribunal” (BECKWITH; CRAIG; MORELAND, 2006, p. 13).

William Lane Craig, conhecido mundialmente como um dos maiores apologistas cristãos do século XXI, afirma que a apologética é “o ramo da teologia cristã que busca prover fundamentos racionais para as afirmações do cristianismo” (BECKWITH; CRAIG; MORELAND, 2006, p. 21). Alister McGrath, outra autoridade no assunto, afirma que a função da “apologética consiste em defender a fé com delicadeza e respeito. Seu objetivo não é antagonizar ou humilhar os que se encontram fora da igreja, e sim ajudar a abrir seus olhos para a realidade, a confiabilidade e a relevância da fé cristã” (MCGRATH, 2013, p. 13).

Assim, pode-se definir a apologética cristã como o esforço para defender a veracidade, integridade e consistência dos conteúdos da fé cristã em meio a críticas e argumentações filosóficas que buscam desqualificar a imagem do cristianismo, algo que tornou-se comum em uma era de secularização como o século XXI. Para tal desafio, o apologista cristão procura utilizar-se da argumentação racional e das evidências científicas e históricas para demonstrar a veracidade das afirmações bíblicas.

A prática da apologética não é uma novidade na Igreja cristã, ela não surge como uma resposta ao iluminismo do século XVIII ou às recentes descobertas científicas do século XX e XXI. Muito antes, “desde os dias do Novo Testamento, os cristãos vêm defendendo sua fé contra todo tipo de

crítica e de equívoco” (MCGRATH, 2008, p. 11). Tal posição remonta às palavras do próprio apóstolo Pedro em uma das suas cartas: “Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor [...]” (BÍBLIA SAGRADA, 2012, 1Pe 3:15-16, p. 1187-88). Crer e viver de tal modo a buscar persuadir outros surge de um genuíno temor a Deus, como aponta o apóstolo Paulo em sua segunda carta aos Coríntios¹. Louis Markos acrescenta que “desde sua fundação, a Igreja é abençoada com uma longa lista de apologistas que construíram defesas filosóficas e teológicas para a ortodoxia cristã” (MARKOS, 2013, p. 22). Entre esses primeiros apologistas, pode-se mencionar Justino Mártir, Irineu de Lyon, Aristides de Atenas, Teófilo de Antioquia, a Carta a Diogneto, entre tantos outros.

Steven Lawson (2013) explica o motivo da necessidade das defesas desenvolvidas pelos primeiros apologistas, no início da patrística:

Os antagonistas pagãos suscitaram acusações inflamadas contra os seguidores de Cristo. Os crentes eram acusados de ateísmo porque não cultuavam a César; de canibalismo porque falavam sobre comer a carne do Senhor e beber seu sangue; de incesto porque tratavam uns aos outros como irmãos e irmãs, e praticavam o ósculo santo; e de serem antissociais porque se recusavam participar das orgias e libertinagens do dia. (LAWSON, 2013, p. 106).

Diante de acusações como essas, Justino Mártir, entre outros apologistas, “se queixou amargamente de ‘as injustiças lançadas contra os cristãos’ [...] [e] refutou as acusações infundadas de ateísmo e imoralidade levantadas contra a fé cristã, afirmando que os crentes realmente eram mais virtuosos do que os pagãos” (LAWSON, 2013, p. 114). Esse exemplo torna claro o fato de que, algumas vezes, as críticas dirigidas contra o cristianismo simplesmente não fazem sentido, uma vez que focam em uma concepção errônea a respeito da fé cristã. Nas palavras de McGrath, “as pessoas rejeitam caricaturas ou paródias do evangelho sem perceber que estão fazendo isso” (MCGRATH, 2008, p. 332). É digno de ser citado o comentário de Agostinho de Hipona em suas confissões: “Embora não estivesse ainda convencido de que ela [a Igreja] ensinasse a verdade, sabia, contudo, ao certo que não ensinava aquilo de que a acusava” (AGOSTINHO, 2012, p. 128).

¹ II Coríntios 5:11.

O simples fato de, na tradição da fé cristã, admitir-se que o ser humano é pecador, a saber, sujeito a todo tipo de erros e equívocos, justifica a necessidade de vigilância constante e revisões a respeito de tudo que afirmasse enquanto artigos de fé.

O reformador Martinho Lutero lembra uma distinção importante que deve-se fazer entre o simples erro e a heresia. Em seu texto, “Dos Concílios e da Igreja” (1992), o reformador ressalta que na igreja encontraremos aqueles que podem errar, cometer equívocos, construindo, assim, em alusão às palavras do Apóstolo Paulo, sobre madeira, palha ou feno.² Esses, porém, embora errem no material das suas construções, ainda permanecem sobre o fundamento correto, a saber, Jesus Cristo. O problema, portanto, não está em errar, mas em tornar-se um herege. Pois os hereges, afirma o reformador do século XVI, “não apenas erram, mas também não se querem deixar instruir, defendem seu erro como certo e lutam contra a verdade reconhecida e contra a sua própria consciência” (LUTERO, 1992, p. 335).

Tudo isso coloca-nos diante da necessidade de transmitir o evangelho de forma clara e detalhada, minimizando os erros e os equívocos de interpretação, alertando e combatendo também aqueles que lançam ataques deliberados às doutrinas da tradição cristã. O desafio apologético que a Igreja de Cristo encontrou logo nos primeiros séculos da sua existência permanece vivo e em pleno desenvolvimento no século XXI.

Conforme R. C. Sproul (2007) afirma:

Em todas as épocas a Igreja deparou-se com a tarefa de esclarecer suas verdades perante distorções que surgiam. A disciplina da apologética não morreu no século II; pelo contrário, ela permanece viva, porque a cada geração que passa, onde quer que o cristianismo floresça, também surgem as distorções, deturpações, ênfases exageradas e enganos completamente maliciosos. (SPROUL, 2007, p. 13).

Apesar de toda a sua importância já demonstrada, há quem, entretanto, muitas vezes até mesmo cristãos piedosos, menospreze o esforço apologético como desnecessário ou até mesmo prejudicial: “defendem que não devemos nos envolver em tentativas de ‘provar’ as verdades do cristianismo, que fé e prova são incompatíveis” (SPROUL, 2007, p. 14), que ninguém chega a Cristo por meio de argumentos. Outros, talvez, defendam a necessidade da ação do

² I Coríntios 3:11ss.

Espírito Santo para a conversão de alguém, em detrimento da argumentação apologética, ou, ainda, defendam que tais assuntos não passam de opinião pessoal, cada qual tem a própria verdade e, assim, “depreciam a importância da apologética como uma disciplina meramente teórica” (CRAIG, 2012, p. 15), sem importância ou implicações práticas.

Quando questionados a respeito da historicidade dos fatos descritos na Bíblia, ou sobre sua inspiração, há quem responda que o que importa é tão somente a fé, sem a necessidade de provas ou evidências. Tal atitude pode ser satisfatória para elas próprias, podem crer em Deus e na Sua revelação conforme encontrada na Bíblia pelo testemunho interno do Espírito Santo, entretanto, conforme destaca Craig Evans (2009):

[...] e quanto àqueles que gostariam de ter razão forte e compelitiva para aceitar como verdadeiras as narrativas do evangelho? Dizer-lhes apenas que a Bíblia é inspirada e, conseqüentemente, verdadeira, sem dar-lhes os critérios que teriam sido usados pelos historiadores para reconhecer inspiração e veracidade, não os satisfaria. Porventura os Mórmons não dizem o mesmo com respeito ao Livro dos Mórmons? Não declaram os muçulmanos a inspiração do Alcorão? Seria possível apelar dessa maneira a um livro sagrado após outro? Seria a única defesa possível? (EVANS, 2009, p. 45).

O cristão não precisa nadar contra a correnteza da evidência. Nenhum indivíduo é chamado a cometer suicídio intelectual ao aceitar como verdadeiros os conteúdos da fé cristã. O comentário de Josh McDowell é pertinente ao afirmar que “fé não significa um salto no escuro, uma credulidade irracional, uma crença contra as evidências e a razão. Ela significa crer à luz dos fatos históricos, em conformidade com as evidências, com base em testemunhos” (MCDOWELL, 2014, p. 246).

O esforço apologético, portanto, demonstra-se pertinente. Gresham Machen afirma que “na esfera da religião, como em outras esferas, as coisas com as quais os homens concordam são, possivelmente, aquelas que menos valem acreditar; as coisas realmente importantes são aquelas pelas quais os homens lutarão” (MACHEN, 2012, p. 9). Lutero também afirma que “cabe a todo cristão assumir a fé de forma a compreendê-la e defendê-la, bem como a condenar todos os erros” (LUTERO, 2000, p. 287). Concorde-se com o fato da necessidade da ação do Espírito Santo na conversão do indivíduo, mas, com isso, não elimina-se a utilidade do empenho apologético da Igreja cristã.

Durante o período da patrística, em sua “Carta a Diogneto” (1995), o autor escreve: “peço a Deus, o qual preside tanto o nosso falar como o nosso ouvir, que me conceda dizer de tal modo que, ao escutar, te tornes melhor; e assim, ao escutares, não se arrependa aquele que falou” (FRANGIOTTI, 1995, p. 19). Como observa Michael Haykin, “isto é uma oração em favor da conversão de Diogneto. Em outras palavras, o autor admite claramente que abraçar a verdade cristã não pode vir somente da razão. Deus tinha de dar a Diogneto a capacidade de ‘ouvir’ a verdade” (HAYKIN, 2012, p. 59).

John Frame, apologista pressuposicionalista, afirma que “a apologética é uma obra soberana de Deus. Ele é quem persuade a mente e o coração do incrédulo” (FRAME, 2010, p. 21). H. Wayne House (*apud* GEISLER; MEISTER, 2013), por sua vez, também observa que:

Nem os apologéticos clássicos, nem os apologéticos evidenciais em geral acreditam que argumentos em defesa da existência de Deus ou provas da historicidade bíblica levarão a pessoa a aceitar a Cristo, mas que é necessária a recepção do evangelho através da obra o Espírito Santo. (HOUSE *apud* GEISLER; MEISTER, 2013, p. 59).

A verdade de tal afirmação pode ser verificada na afirmação de dois dos maiores apologistas contemporâneos, William Lane Craig e Ravi Zacharias. Zacharias escreve que “o apologista poda os arbustos a fim de que o ouvinte possa dar uma boa olhada na cruz, e o Espírito Santo engendra a transformação no coração do indivíduo” (ZACHARIAS *apud* CARSON, 2015, p. 45). William Lane Craig, por sua vez, afirma que “não podemos convencer ninguém a entrar no Reino de Deus. A conversão é tarefa exclusiva do Espírito Santo. Mas o Espírito Santo pode usar nossos argumentos para trazer pessoas a si” (CRAIG, 2012, p. 52).

A tradicional divisão da fé em *notitia* [conhecimento], *assensus* [assentimento] e *fiducia* [confiança] pode ser muito útil para elucidar qual a função da apologética. Ela pode auxiliar com a *notitia*, na proclamação das verdades bíblicas, e no *assensus*, no convencimento das pessoas de que o que é proclamado é verdadeiro, entretanto, a *fiducia*, a confiança sincera em Deus, depende da ação do Espírito Santo, e a apologética já não pode auxiliar ali.

Na “Confissão de Augsburg” (2005), em seu artigo 20, “Da fé e das boas obras”, faz-se a seguinte distinção:

Dá-se, outrossim, instrução para mostrar que aqui não se fala da fé possuída também pelos demônios e os ímpios, os quais também creem os relatos que contam haver Cristo padecido e ressuscitado de entre os mortos; fala-se, ao contrário, da fé verdadeira, que crê alcançarmos por Cristo a graça e a remissão dos pecados. (WACHHOLZ; DREHMER, 2005, p. 21).

A confissão prossegue ressaltando que “ensina-se, com respeito à fé, que crer não é apenas conhecer a história, mas ter confiança em Deus e receber sua promessa” (WACHHOLZ; DREHMER, 2005, p. 21). A fé é, em si mesma, uma graça dada por Deus ao pecador, e também Ele a mantém até o final. “As pessoas [não regeneradas] não buscam a Deus. [...] A busca é o resultado da fé, não a sua causa”³ (SPROUL, 1986, p. 86, tradução nossa). Charles Hodge assegura, “por amor a eles, e de acordo com [...] a fé cristã que Ele implantou em seus corações, Deus virá em auxílio da obra que Ele colocou em nossas mãos”⁴ (HODGE, 2001, p. 74, tradução nossa). Também R. C. Sproul (2007) conclui na direção de que pertence a Deus a obra final:

Se obtivermos uma compreensão correta da essência (*notitia*) e reconhecermos essa verdade (*assensus*), ainda assim, isso não nos leva à fé salvadora. O Inimigo conhece a verdade a respeito de Cristo e o odeia. *Notitia* e *assensus* são condições necessárias para a fé salvadora (não podemos ter fé salvadora sem elas), mas não são suficientes para nos salvar. (SPROUL, 2007, p. 20).

Ainda assim, a apologética cristã, longe de ser infrutífera ou desnecessária, tem um imenso potencial e um valor extraordinário em ao menos três pontos: a evangelização de não cristãos; o fortalecimento da fé de cristãos; e a formação e o desenvolvimento do ambiente cultural, de modo a torná-lo propício à evangelização e recepção do evangelho.

2.1. Dos benefícios, a evangelização de não cristãos

Algumas pessoas, de fato, podem precisar de razões para crer. Elas não sentem-se convencidas por simples afirmações de que Deus existe, de que Jesus as ama, de que Cristo morreu e ressuscitou para a remissão dos seus pecados. Elas precisam de algo que demonstre de maneira convincente que

³ “People do not seek God. [...] Seeking is the result of faith, not the cause of it” (SPROUL, 1986, p. 86).

⁴ “Por amor a ellos, y de acuerdo con [...] la fe cristiana que Él ha implantado em el corazón de éstos, Dios acudirá em ayuda de la obra que ha puesto em nuestras manos” (HODGE, 2001, p. 74).

tais acontecimentos são de fato históricos, não apenas um mito reconfortante, sem relação com a realidade. Pode ocorrer, inclusive, que tais indivíduos experimentem o sentimento de culpa pela incredulidade, pela necessidade de verificação das evidências disponíveis, muito embora, não haja nisso qualquer culpa ou vergonha.

O teólogo brasileiro Jonas Madureira aponta que “não podemos jamais nos esquecer de que o culto a Jesus começou quando um discípulo expôs sua incredulidade” (MADUREIRA, 2017, p. 163). Madureira refere-se à Tomé: “Quando Tomé deu voz a sua dúvida, Jesus não o censurou, não o agrediu com um azorrague; pelo contrário, deu-lhe razões para continuar crendo. Depois disso, Tomé confessou e adorou a Cristo” (MADUREIRA, 2017, p. 163).

Já defendeu-se anteriormente a possibilidade de o próprio Espírito Santo agir por meio da argumentação de um apologista e, assim, convencer o pecador da sua miserável condição, bem como da possibilidade de uma nova vida em Cristo. Um conhecido exemplo de alguém que chegou a Cristo convencido pelo peso da evidência é Lee Strobel (2001), um jornalista investigativo que durante anos dedicou-se ao estudo detalhado das evidências que corroboram a historicidade da ressurreição corporal de Jesus. Strobel, em sua obra “Em defesa de Cristo” (2001), relata as conclusões da sua pesquisa:

Sendo alguém formado em jornalismo e direito, eu fora ensinado a responder aos fatos, não importava em que direção eles levassem. Para mim, os fatos demonstravam de modo convincente que Jesus é o Filho de Deus [...]. As evidências da história e minha experiência eram fortes demais para ser ignoradas. (STROBEL, 2001, p. 352-53).

Obviamente, nem todas as pessoas levarão a sério os argumentos e as evidências científicas e históricas a favor da veracidade das afirmações do cristianismo. Para grande parte das pessoas, todo esse raciocínio poderá parecer bastante confuso e de difícil compreensão. Com isso, a apologética pode ser uma matéria de interesse do público acadêmico, coisa para pensadores e intelectuais. Por outro lado, poder-se-ia argumentar que poucos intelectuais interessam-se por assuntos ligados à religião, ainda menos pelo anúncio do Evangelho, levando à conclusão de que o esforço apologético não compensa. Tal argumento, no entanto, mostra-se equivocado.

Primeiramente, não importa se serão poucas as pessoas que darão ouvidos ao Evangelho. Tal qual o pastor que deixa as noventa e nove ovelhas

para sair em busca de uma⁵, qualquer parcela reduzida no percentual de pessoas é digna do amor de Deus e possui um valor intrínseco inestimável. São alvo do amor, da graça e da misericórdia de Deus, tal qual as outras pessoas.

Em segundo lugar, conforme destaca Craig, “esse grupo de pessoas [os intelectuais], embora relativamente pequeno em número, é enorme em influência. Uma dessas pessoas, por exemplo, foi C. S. Lewis. Pense no impacto que a conversão de um homem continua tendo!” (CRAIG, 2012, p. 22). Muitos exemplos de pessoas inteligentes e influentes que chegaram à fé graças às obras de Lewis podem ser elencados.

Timothy Keller (2015) relata o caso de um garoto chamado Kevin, um jovem ateu que frequentou a igreja *Redeemer* em busca de respostas. Nas palavras de Kevin:

Sentado à mesa de uma cafeteria lendo Cristianismo puro e simples, de C. S. Lewis, de repente parei de ler e escrevi no meu bloco de notas: ‘... as provas que cercam as afirmações do cristianismo são cabais’. Percebi que minhas conquistas acabavam sendo insatisfatórias, que a aprovação dos homens é passageira, que uma vida centrada no *carpe diem*, dedicada tão somente à aventura, não passa de uma forma de narcisismo e idolatria. Por isso passei a crer em Cristo. (KELLER, 2015, p. 26).

O próprio Keller tem uma dívida em relação a Lewis: “As palavras de Lewis estão presentes em quase todos os capítulos [da obra *A fé na era do ceticismo*]. Eu estaria mentindo se não admitisse o quanto da minha noção de fé veio dele” (KELLER, 2015, p. 11).

Temos em Charles Colson outro exemplo, o qual foi conselheiro-chefe do ex-presidente estadunidense Richard Nixon. Colson foi preso por seu envolvimento no esquema de corrupção *Watergate*. Louis Markos escreve sobre a experiência de Colson: “enquanto esteve preso por participar do escândalo de Watergate, leu Cristianismo puro e simples de Lewis e converteu-se ao cristianismo” (MARKOS, 2013, p. 292). Após cumprir sua pena, Colson fundou a *Prison Fellowship*, organização que visa o atendimento a condenados e assistência às famílias das vítimas da violência, sendo uma benção para a vida de milhares de pessoas em todo o mundo. No Brasil, a *Prison Fellowship* atua sob o nome de Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (FBAC).

⁵ Mateus 18:12-13.

Alasdair Coles, professor sênior de neuroimunologia clínica na Universidade de Cambridge, também afirma que um fator decisivo em sua conversão “foi a leitura do livro *Cristianismo Puro e Simples*, de C. S. Lewis, o qual tem influenciado muita gente e, especialmente, cientistas com mente lógica” (COLES *apud* BANCEWICZ, 2013, p. 36). Por falar em cientistas com a mente lógica, uma das citações mais interessantes de como as obras de Lewis foram importantes na conversão de um indivíduo é de Francis Collins, ex-diretor do projeto Genoma, responsável pelo mapeamento do DNA humano. Nas palavras de Collins (2007):

Nos poucos dias que se seguiram, conforme eu folheava as páginas, lutando para absorver a amplitude e a profundidade dos argumentos intelectuais apresentados pelo lendário acadêmico de Oxford, percebi que todos os meus argumentos contra a aceitação da fé eram dignos de um garoto em idade escolar. Obviamente eu tinha de começar do zero para considerar aquela que é a mais importante de todas as questões humanas. Lewis parecia conhecer todas as minhas objeções, algumas antes mesmo de eu formulá-las. Falou sobre elas em uma ou duas páginas. Quando, mais tarde, descobri que o próprio Lewis havia sido um ateu que se propusera reprová-la com base em argumentações lógicas, percebi como ele pôde conhecer tão bem minha trilha. Ele também a tinha percorrido. (COLLINS, 2007, p. 29).

Não parece haver dúvidas sobre o quão benéfica foi, para a causa de Cristo, a conversão de um homem como Lewis. Louis Markos (2013) chega a afirmar que:

Não é exagero dizer que, de alguma maneira, todos os apologistas modernos foram influenciados por Lewis. Tenham eles sido trazidos a fé pela leitura de *Cristianismo puro e simples*, encorajados por seu testemunho ou influenciados por seus principais argumentos, as últimas duas gerações de apologistas têm uma dívida profunda e eterna com Lewis. (MARKOS, 2013, p. 25).

Lewis, por sua vez, deve sua conversão à exposição e à defesa do cristianismo feitas por autores como G. K. Chesterton e George McDonald, bem como a seus amigos, Hugo Tyson e J. R. R. Tolkien que, nas palavras de Lewis, “mais tarde iriam me ajudar muito a superar o último obstáculo [para a conversão]” (LEWIS, 2015, p. 192). Conta-se que, certa noite, os três tiveram uma longa conversa sobre Deus, a encarnação e os mitos que estendeu-se até as quatro horas da madrugada, mais ou menos. De acordo

com David Downing, “essa conversa pode muito bem ser considerada o momento decisivo da vida de Jack, pois o ajudou a resolver questões com que ele se vinha debatendo desde a infância” (DOWNING, 2006, p. 156).

Em sua obra, “Surpreendido pela alegria” (2015), Lewis relembra seu contato com G. K. Chesterton: “Depois li *The Everlasting Man*⁶, de Chesterton, e pela primeira vez enxerguei todo o esboço cristão da história delineado de uma forma que para mim parecia fazer sentido. [...] Acredito sinceramente que então eu já pensava [...] que o cristianismo era ele mesmo bastante sensato.” (LEWIS, 2015, p. 198). Não apenas cristãos contribuíram para a sua conversão como também ateus que, admitindo a qualidade das evidências a favor do cristianismo, impressionaram Lewis:

No início de 1926, o mais empedernido dos ateus que jamais conheci sentou-se no meu quarto e, contra tudo o que eu dele esperava, observou que os indícios da historicidade dos Evangelhos eram de fato surpreendentemente bons. “Coisa esquisita” – continuou. “[...] Coisa esquisita. Chega até a parecer que aquilo realmente aconteceu” (LEWIS, 2015, p. 198).

Lewis, então, questionou-se, pois “se ele, o cético dos céticos, o durão dos durões, não estava – como eu ainda o diria – ‘seguro’, então a que é que eu poderia recorrer?” (LEWIS, 2015, p. 198).

2.2. Dos benefícios, o fortalecimento da fé dos cristãos

A apologética cristã não preocupa-se tão somente com a conversão de não cristãos, ela também fortalece a fé de quem já é cristão. Nas palavras de McGrath, “a apologética faz mais do que tornar o evangelismo eficaz: ela também permite que aqueles que já são cristãos aprofundem a qualidade de sua fé, reforçando o compromisso com a compreensão e a convicção” (MCGRATH, 2008, p. 325), uma vez que a ânsia por defender as verdades cristãs obriga o indivíduo a conhecer com profundidade as proposições fundamentalmente cristãs.

A partir de 2001, com o atentado terrorista às Torres Gêmeas nos Estados Unidos, uma verdadeira avalanche de livros com conteúdo ateu surgiu tentando mostrar ao mundo como a religião pode ser nefasta para a humanidade. O movimento ficou conhecido como Novo Ateísmo, tendo como principais representantes o jornalista Christopher Hitchens, o neurocientista Sam Harris, o filósofo Daniel Dennett e o biólogo Richard Dawkins.

⁶ Em português: O homem eterno.

Alister McGrath afirma que o Novo Ateísmo “retrata a religião como intrínseca e caracteristicamente perigosa, nociva e prejudicial. Não há reconhecimento de que a religião pode ter nem mesmo uma ou duas características redentoras” (MCGRATH, 2015, p. 49-50). Peter Hitchens, irmão de um dos ícones do novo ateísmo, Christopher Hitchens, afirma que “o novo antiteísmo é enfaticamente não apenas uma opinião buscando seu lugar numa sociedade plural. É uma tirania dogmática em formação”⁷ (HITCHENS, 2010, p. 206, tradução nossa).

Sobre as obras de Sam Harris, Ravi Zacharias (2011) comenta:

Quando li os livros de Sam Harris [...], senti-me como se estivesse sendo tragado por um redemoinho de emoções – da incredulidade, passando pela indignação, até a tristeza. Eu me perguntava se havia algo que ele considerasse sagrado a ponto de poupar de sua zombaria. Arrepiava-me com o desrespeito descarado, a distorção e a falta de lógica de suas considerações, que se combinavam para rejeitar qualquer crença em Deus. (ZACHARIAS, 2011, p. 18).

Daniel Dennett expressa sua opinião sobre a incompatibilidade entre a fé cristã e o conhecimento científico:

Cristãos tiveram que abandonar suas doutrinas anteriores a respeito do Céu quando a revolução copernicana começou, e tiveram que reconhecer que muitas das histórias na Bíblia não são relatos factuais, mas contos fantasiosos (mais polidamente chamados de mitos) quando pesquisas históricas e arqueológicas demonstraram sua falsidade. Eles agora terão que abandonar suas doutrinas da Criação. Algumas igrejas há muito tempo fizeram exatamente isso, é claro.⁸ (DENNETT; PLANTINGA, 2011 p. 50-1, tradução nossa).

Infelizmente, muitos jovens cristãos, ao ingressarem na universidade acabam deparando-se com colegas ou até mesmo professores que compartilham das opiniões e da agressividade do Novo Ateísmo que repete

⁷ “The new anti-theism is emphatically not just an opinion seeking its place in a plural society. It is a dogmatic tyranny in the making” (HITCHENS, 2010, p. 206).

⁸ “Christians had to abandon their earlier doctrines of Heaven when the Copernican revolution set in and had to acknowledge that many of the stories in the Bible are not factual accounts but tall tales (more politely called myths) when historical and archeological research demonstrated their falsity. they now will have to abandon their doctrines of Creation. Some churches have long ago done just that, of course” (DENNETT; PLANTINGA, 2011, p. 50-1).

paulatinamente a afirmação de que a existência de Deus não passa de uma crença infantil e desacreditada pelas mais recentes descobertas científicas. Richard Dawkins chega ao ponto de afirmar, citando Paul Bell, que “[...] quanto maior a inteligência ou o nível de instrução da pessoa, menor é a probabilidade de ela ser religiosa ou ter qualquer tipo de ‘crença’” (BELL *apud* DAWKINS, 2007, p. 145). Tal posição acadêmica que, em alguns casos, chega à militância contra a religião, pode intimidar jovens inseguros e que não receberam, em suas igrejas, uma sólida formação cristã.

Um conhecimento prévio da apologética por parte dos jovens cristãos que ingressam nas universidades certamente auxiliaria como um antídoto contra esse tipo de discurso ateuista. Craig (2011) queixa-se da falta de preparo apologético entre os jovens cristãos:

Em minha opinião, a igreja está realmente falhando com esses jovens. Em vez de fornecer a eles um bom treinamento na defesa da fé cristã, nós ficamos envolvidos em lhes proporcionar experiências de louvor carregadas de emoção, ficamos nos preocupando com suas necessidades e em entretê-los. Não é à toa que eles se tornam presas fáceis para um professor que racionalmente ataca a sua fé. (CRAIG, 2011, p. 21).

Como João Calvino afirma, em sua monumental *Institutas da Religião Cristã*, “[...] é necessário defender-se de todas as calúnias dos ímpios, principalmente para confirmar os fiéis, para que sejam dóceis em receber a Palavra de Deus, a fim de que tenham um ponto de apoio infalível”⁹ (CALVINO, 2006, p. 85, tradução nossa). O empenho de um jovem estudante em defender a sua fé diante dos ataques ateuistas fará com que ele familiarize-se mais e tenha uma melhor compreensão da própria fé, uma vez que dedicará-se ao estudo das afirmações do cristianismo que, ao seu ver, são inegociáveis e merecem ser defendidas.

Assim, é tarefa da igreja cristã preparar os jovens para os desafios que sua fé encontrará na universidade. Conforme Craig, “precisamos treinar os nossos filhos para a guerra. Não podemos arriscar enviá-los aos colégios e universidades armados com espadas e armaduras de plástico. O tempo para brincadeiras já passou” (CRAIG, 2012, p. 19).

⁹ “[...] es preciso defender contra todas las calumnias de los ímpios la verdad que pacíficamente hemos enseñado; bien que yo pondré mi afán principalmente em confirmar a los fieles, para que sean dóciles em recibir la Palabra de Dios, a fin de que tengan un punto de apoyo infalible” (CALVINO, 2006, p. 85).

2.3. Dos benefícios, para a formação da cultura

Por último (e não menos importante), a apologética cristã auxilia na criação e na sustentação de um ambiente cultural favorável à propagação do evangelho. William Lane Craig explica que “o evangelho nunca é ouvido isoladamente. Sempre é ouvido contra o pano de fundo do ambiente cultural em que a pessoa vive” (CRAIG, 2012, p. 16). A implicação imediata disso é que “uma pessoa criada num ambiente cultural em que o cristianismo ainda é visto como uma opção intelectual viável tem uma abertura para o evangelho que a pessoa secularizada não tem” (CRAIG, 2012, p. 16).

Já demonstrou-se anteriormente como o público intelectual, embora reduzido em número, é gigante em influência e, portanto, tem um valor indescritível no que diz respeito à manutenção de um meio cultural que vê o cristianismo como uma opção intelectualmente viável.

Conforme esclarecedora citação do autor neerlandês Abraham Kuyper (2018):

A mentalidade geral do povo é moldada pelos acadêmicos. As universidades estabelecem a direção do pensamento para as pessoas de influência. Do meio universitário, esse modelo de pensamento é reproduzido dentre os políticos, advogados, médicos, professores e escritores. Mediante tal influência, esse modelo é levado à imprensa, às escolas primárias e secundárias e à rede dos funcionários burocráticos. Se essa vida acadêmica e a influência que ela produz sobre a população permanecem exclusivamente nas mãos de incrédulos, então a opinião pública irá, em última análise, se voltar inteiramente para essa direção também no âmbito moral e religioso, de modo que afetará danosamente nossos círculos cristãos. (KUYPER, 2018, p. 95).

Assim, a preocupação dos líderes cristãos com a apologética cristã nas universidades não visa tão somente a conversão de indivíduos particulares ou o fortalecimento da fé dos próprios jovens cristãos, mas também o objetivo muito mais geral de manter uma influência favorável ao cristianismo em todo o ambiente cultural contemporâneo.

Pode ser pertinente acrescentar a tese de Roy A. Clouser (2022) de que não haveria neutralidade religiosa quando pensamos a concepção humana. Isso, em si, claro, já é uma ideia cristã, coerente com a revelação bíblica. Clouser, porém, sustenta sua tese argumentando que “nenhuma teoria, enquanto tal, deixa de ser regulada e guiada por uma ou outra crença

religiosa”¹⁰ (CLOUSER, 2022, p. 11). O autor toma a religião como aquilo que “afeta as pessoas no nível mais profundo de suas convicções e valores” (CLOUSER, 2022, p. 17). Logo, não há como ignorar as consequências disso na cultura em geral que a humanidade expressa. Diferentes crenças religiosas acabarão por gerar diferentes teorias. Assim, na praça pública do debate de ideias, cabe ao cristão discernir os pressupostos que sustentam diferentes posições e defender a sua fé a partir do Deus que crê-se verdadeiro. A apologética, assim, pode ser tomada também como um importante instrumento que ajuda uma razão não autônoma a “capacitar os homens a entenderem a revelação de Deus e a servi-lo com base naquilo que ele”¹¹ revelou (CLOUSER, 2022, p. 118). Afinal, “a razão é, para todos os indivíduos, essencialmente dirigida pela fé” (CLOUSER, 2022, p. 123).

3. O desafio apologético no contexto brasileiro

No contexto brasileiro, a Igreja de Cristo é agraciada com incríveis oportunidades. Nos últimos anos, têm-se visto um significativo aumento no interesse, por parte da população brasileira, especialmente os jovens, na discussão de assuntos políticos, filosóficos e morais. Temas como pobreza, aborto, drogas, sexualidade, violência e tantos outros estão constantemente sendo discutidos na internet, nas ruas e nas universidades. Os cristãos têm a oportunidade de fazer a sua voz ser ouvida também no mercado das ideias. Uma boa teologia pública necessita de conhecimentos e argumentos plausíveis para enfrentar a pauta de desafios colocada.

Esse é um excelente contexto para a exposição do argumento moral, uma vez que, geralmente, cada um dos lados do debate acredita com sinceridade que os oponentes defendem algo moralmente incorreto. O argumento moral pode ser desenvolvido de modo dedutivo como abaixo:

¹⁰ Clouser (2022) apresenta uma complexa argumentação para fundamentar sua tese. Embora admita ainda acréscimos necessários, sua definição de crença religiosa é colocada nos seguintes termos: “Uma crença religiosa é uma crença em algo como divino *per se*, não importa como é posteriormente descrita, na qual o ‘divino *per se*’ significa a realidade incondicionalmente não dependente” (CLOUSER, 2022, p. 34). Acrescenta, assim, que o ser humano não pode “especificar qualquer estado de coisas concebível no qual nada tenha o status de divindade” (CLOUSER, 2022, p. 74).

¹¹ Embora Clouser (2022) considere como “um equívoco os teístas tentarem justificar sua crença em Deus racionalmente”, ele acrescenta que “a reflexão crítica sobre a fé” ajuda a entender melhor seus ensinamentos bem como compará-los com outras crenças. Assim, uma discussão racional não seria totalmente inútil uma vez que “pode lançar luz sobre os ensinamentos bíblicos para descrentes, assim como para os crentes, e permite que réplicas sejam feitas a críticas a esses ensinamentos” (CLOUSER, 2022, p. 121).

1. Se valores morais objetivos existem, então, Deus existe;
2. Valores morais objetivos realmente existem;
3. Logo, Deus existe.

Dada a veracidade da premissa 1 e da premissa 2, a conclusão segue lógica e necessariamente, assim, para refutar o argumento, será necessário refutar ao menos uma das duas premissas. Parte-se da premissa de que no debate nacional é sempre um ponto pacífico a segunda premissa, já que mesmo secularistas relativistas fazem afirmações de imperativos morais como o de não julgar as escolhas dos outros indivíduos e ter a mente aberta. Ficando, assim, em questão a veracidade ou não da primeira premissa.

Paul Copan afirma que “se Deus não existe, então, simplesmente, não temos um alicerce adequado para uma ética objetiva, incluindo-se dignidade, direitos humanos intrínsecos, responsabilidade pessoal e obrigação moral” (COPAN *apud* BECKWITH; CRAIG; MORELAND, 2006, p. 130). De fato, C. S. Lewis, ao lembrar-se da sua experiência no ateísmo e posterior conversão ao cristianismo, expressa que seu “argumento contra Deus era o de que o universo parecia injusto e cruel. No entanto, de onde eu tirara essa ideia de justo e injusto?” (LEWIS, 2009 p. 51). Com o que Lewis comparava o mundo a fim de considerá-lo injusto? “Um homem não diz que uma linha é torta se não souber o que é uma linha reta” (LEWIS, 2009, p. 51).

Portanto, tem-se uma clara e interdependente relação entre valores morais objetivos e a existência de um Deus do qual tais leis são derivadas. Os cristãos devem aprender a defender o argumento moral diante o escrutínio.

Também assuntos ligados às ciências naturais têm atraído a atenção de muitos jovens brasileiros. Isso pode ser constatado pelo sucesso de vendas das obras de cientistas como Carl Sagan, Stephen Hawking e Neil deGrasse Tyson. Tal realidade permite levantar o argumento cosmológico e, tendo em vista a sintonia fina do universo, o argumento teleológico. O argumento cosmológico pode ser organizado de forma dedutiva como abaixo:

1. Tudo o que começa a existir tem uma causa;
2. O universo começou a existir;
3. Logo, o universo tem uma causa.

A primeira premissa trata do princípio da causalidade, necessário para o próprio empreendimento científico e, portanto, não encontrará muitas críticas. Por vezes, o princípio da incerteza de Heisenberg é mencionado como uma refutação à primeira premissa, mas ela não trata necessariamente da ausência de causas, mas sim da imprevisibilidade dos seus efeitos.

Já a segunda premissa, afirmada pela Bíblia há muito tempo, é também proposta em um modelo matemático que teve por base a Teoria da Relatividade Geral de Einstein e foi publicado por Georges Lemaître, padre e físico belga. O modelo matemático de Lemaître foi pejorativamente apelidado de *Big Bang*, e tem gozado de um leque cada vez maior de evidências observacionais que o corroboram. Evidências como o desvio para o vermelho no espectro de luz vindo de galáxias distantes, detectado por Edwin Hubble e a detecção da radiação cósmica de fundo em micro-ondas, realizada por Robert Wilson e Arno Penzias, laureados com o Prêmio Nobel pelo feito.

Após a verificação da veracidade das duas premissas, é hora de verificar os atributos necessários à causa do universo. As características necessárias envolvem atemporalidade e imaterialidade, uma vez que a singularidade cósmica representa o início absoluto do espaço-tempo, bem como o poder absoluto e a pessoalidade, já que uma causa eficiente que existisse desde a eternidade teria também causado seu efeito desde a eternidade, a menos que pudesse decidir causá-la em dado momento, características essas que coincidem precisamente com o que pensa-se ao mencionar a palavra “Deus”.

Somado a isso, pode-se mencionar e aprofundar-se no, assim chamado, princípio antrópico. O universo possui certas características que são precisamente ajustadas para possibilitar o surgimento e o desenvolvimento da vida inteligente. As quatro forças fundamentais são: Força Gravitacional, Força Eletromagnética, Força Nuclear Forte e Força Nuclear Fraca. Elas apresentam um nível assombroso de precisão e estabilidade indispensáveis para a vida como a conhecemos, baseada no carbono. Tais fatos científicos apontam para além de si mesmos. Podem ser indícios de que o universo foi trazido à existência de forma intencional, por Deus, visando a existência de seres inteligentes tais como os seres humanos.¹² Assim, como enfatiza o matemático de Oxford, John Lennox, “nenhum cristão tem algo a temer da verdadeira ciência”¹³ (LENNOX, 2011, p. 86, tradução nossa).

Alguns ateus, para tentar explicar as impressionantes coincidências envolvendo o ajuste fino do universo, têm apelado à suposta existência de um multiverso. “Se existir um grande número de universos, talvez infinitos, não é de se surpreender que algum deles possuirá precisamente as características

¹² Para mais detalhes sobre o ajuste fino do universo, consultar: ERICHSEN, Ronaldo; KRAUSE, Djesniel. Poeira das estrelas: implicações teológicas da cosmologia moderna. In: **Encontros Teológicos**. Florianópolis, v. 37, n. 1, Jan.-Abr. 2022, p. 195-210.

¹³ “No Christians have anything to fear from true science” (LENNOX, 2011, p. 86).

presentes neste universo que, por coincidência, são as características necessárias para a origem e desenvolvimento da vida” (KRAUSE, 2017, p. 51). Entretanto, além do fato de não existirem, atualmente, evidências conclusivas da existência de tal estrutura, ela implicaria uma regressão infinita de ajustes precisos do gerador de universos. Como conclui Antony Flew, filósofo reconhecido pela sua admissão da existência de Deus após décadas de ateísmo, “multiverso ou não, ainda temos que chegar a um acordo sobre a origem das leis da natureza. E a única explicação viável aqui é a mente divina”¹⁴ (FLEW; VARGHESE, 2007, p. 121, tradução nossa).

Como bem afirma Craig (2012):

Estamos vivendo numa época em que a filosofia cristã está experimentando um renascimento genuíno, revigorando a teologia natural, numa época em que a ciência está mais aberta à aceitação da existência de um Criador e Designer transcendental do cosmo do que em qualquer época de memória recente, e numa época em que a crítica bíblica está empreendendo uma nova busca do Jesus histórico que trata os evangelhos seriamente como fontes históricas valiosas para a vida de Jesus e tem confirmado as linhas principais do retrato de Jesus pintado nos Evangelhos. (CRAIG, 2012, p. 17).

Somado a isso, o ambiente cultural brasileiro ainda não está tão secularizado quanto a Europa. Assim, os apologistas brasileiros podem antecipar-se aos desafios que possivelmente sobrevirão à Igreja no Brasil, inclusive, valendo-se de obras de grandes apologistas que têm respondido à altura os críticos contemporâneos. São tempos simultaneamente desafiadores e promissores. A realidade brasileira demonstra uma inclinação religiosa mais orientada na direção da experiência e do sensorial do que, necessariamente, dependente de argumentação lógica e racional. Fato que leva a desafios particulares quando o assunto é apologético.

Permanece, pois, a ordem de Deus para que o corpo de Cristo guarde e defenda a fé que foi uma vez dada aos santos, e igualmente permanece a promessa de Jesus, de que estaria conosco todos os dias. É nessa certeza, com temor e tremor, que o apologista cristão empenha-se no estudo, na exposição e na argumentação da veracidade e da confiabilidade da fé cristã.

¹⁴ “So, multiverse or not, we still have to come to terms with the origin of the laws of nature. And the only viable explanation here is the divine mind” (FLEW; VARGHESE, 2007, p. 121).

Considerações finais

O presente trabalho verificou a definição, um breve histórico e a importância da apologética cristã no contexto brasileiro do século XXI, frente aos desafios da secularização. Pôde-se demonstrar ao menos três grandes benefícios que o empreendimento apologético pode gerar para a igreja cristã. Longe de ser uma disciplina puramente acadêmica e árida, a apologética pode ser de grande valia para a evangelização de não cristãos, para o fortalecimento da fé daqueles que já são cristãos e, de forma ainda mais ampla, para a formação de um ambiente cultural favorável ao cristianismo.

Defendeu-se, ainda, a importância da utilização dos argumentos moral, cosmológico e teleológico no contexto brasileiro. Vive-se, hoje, em uma época em que a disciplina da filosofia cristã está experimentando um reavivamento genuíno, revigorando, assim, a teologia natural. Também a ciência está mais aberta à aceitação da existência de um criador e mantenedor transcendental do universo. São tempos simultaneamente desafiadores e promissores para a igreja de Cristo empenhar-se no esforço de demonstrar às pessoas a veracidade, a confiabilidade e a relevância da fé cristã.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 26. ed. Petrópolis e Bragança Paulista: Vozes e Editora Universitária São Francisco, Coleção Pensamento humano, 2012.

BANCEWICZ, Ruth (Org.). **O teste da fé: os cientistas também creem**. Tradução Guilherme Carvalho. Viçosa: Editora Ultimato, 2013.

BECKWITH, Francis J.; CRAIG, William Lane; MORELAND, J. P. (Eds.). **Ensaio apologético: um estudo para uma cosmovisão cristã**. Tradução José Fernando Cristófaló. São Paulo: Hagnos, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Português. **Bíblia sagrada com reflexões de Lutero**. Versão Almeida revista e atualizada, 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

CALVINO, Juan. **Institución de la religión cristiana**. Capellades: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 2006.

CARSON, D. A. (Org.). **A verdade: como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno**. Tradução Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2015.

CLOUSER, Roy A. **O mito da neutralidade religiosa: um ensaio sobre a crença religiosa e seu papel oculto no pensamento teórico**. Tradução Fabrício de Moraes, Rodolfo Amorim. Brasília: Editora Monergismo, 2022.

COLLINS, Francis. *A linguagem de Deus*: um cientista apresenta evidências de que Ele existe. Tradução Giorgio Cappelli. 3. Ed. São Paulo: Editora Gente, 2007.

CRAIG, William Lane. **Apologética contemporânea**: a veracidade da fé cristã. Tradução A. G. Mendes; Hans Udo Fuchs; Valdemar Kroker. 2. Ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.

_____. **Em guarda**: defenda a fé cristã com razão e precisão. Tradução Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. Tradução Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DENNETT, Daniel; PLANTINGA, Alvin. **Science and Religion: Are They Compatible?** New York: Oxford University Press, 2011.

DOWNING, David. C. S. **Lewis**: o mais relutante dos convertidos. Tradução Almiro Pisetta; Fernando Dantas. São Paulo: Editora Vida, 2006.

EVANS, Craig. *O Jesus fabricado*: como os acadêmicos atuais distorcem o evangelho. Tradução Elizabeth Stowell Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

FLEW, Antony; VARGHESE, Roy Abraham. **There Is a God**: How the World's Most Notorious Atheist Changed His Mind. New York: HarperCollins Publishers, 2007.

FRAME, John. **Apologética para a glória de Deus**. Tradução Wadislau Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

FRANGIOTTI, R. (Org.). **Padres apologistas**. Tradução Ivo Storniolo; Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, Coleção Patrística, v. 2, 1995.

GEISLER, Norman L.; MEISTER, Chad V. (Eds.). **Razões para crer**: apresentando argumentos a favor da fé cristã. Tradução Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

HAYKIN, Michael A. G. **Redescobrimos os Pais da Igreja**: quem eles eram e como moldaram a igreja. Tradução Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012.

HITCHENS, Peter. **The Rage Against God**: How Atheism Led Me to Faith. Grand Rapids: Zondervan, 2010.

HODGE, Charles. **De la insignia cristiana**. Capellades: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 2001.

KELLER, Timothy. **A fé na era do ceticismo**: como a razão explica Deus. Tradução Regina Lyra. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KRAUSE, Djesniel. **Deus na universidade**: a apologética cristã no contexto acadêmico. 2017. 105f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teologia, Bíblia e Missão) – Faculdade Luterana de Teologia. São Bento do Sul, Santa Catarina, 2017.

KUYPER, Abraham. **Sabedoria e prodígios**: graça comum na ciência e na arte. Tradução Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Editora Monergismo, 2018.

LAWSON, Steven J. **Pilares da graça**: 100-1564 d. C. Tradução Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013.

LENNOX, John. **Seven Days that Divide the World: The Beginning According to Genesis and Science.** Grand Rapids: Zondervan, 2011.

LEWIS, C.S. **Cristianismo puro e simples.** Tradução Álvaro Oppenmann; Marcelo Brandão Cipolla. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Surpreendido pela alegria.** Tradução Eduardo Pereira; Ferreira. Viçosa: Últimato, 2015.

LUTERO, Martinho. À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão. In: _____. **Obras Seleccionadas.** Tradução Walter O. Schlupp. v. 2, 2. Ed. São Leopoldo e Porto Alegre: Editora Sinodal e Concórdia Editora, 2000.

_____. Dos Concílios e da Igreja. In: _____. **Obras Seleccionadas.** Tradução Ison Kayser. v. 3: debates e controvérsias, I. São Leopoldo e Porto Alegre: Editora Sinodal e Concórdia Editora, 1992.

MACHEN, John Gresham. **Cristianismo e liberalismo.** Tradução Caio Cesar Dias Peres. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada.** São Paulo: Vida Nova, 2017.

MARKOS, Louis. **Apologética cristã para o século XXI.** Tradução Ana Paula Argentino; Giuliana Niedhardt. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2013.

MCDOWELL, Josh. **Evidências da fé cristã:** respostas eficazes para defender sua Fé/o melhor de Josh McDowell organizado por Bill Wilson. Tradução Sueli Saraiva. 2. Ed. São Paulo: Hagnos, 2014.

MCGRATH, Alister. **Apologética cristã no século XXI:** ciência e arte com integridade. Tradução Antivan Guimarães; Emirson Justino. São Paulo: Editora Vida, 2008.

_____. **Apologética pura e simples:** Como levar os que buscam e os que duvidam a encontrar a fé. Tradução A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2013.

_____. **Surpreendido pelo sentido:** ciência, fé e o sentido das coisas. Tradução Onofre Muniz. São Paulo: Hagnos, 2015.

SPROUL, R. C. **Chosen by God.** Carol Stream: Tyndale House Publishers, 1986.

_____. **Defendendo sua fé:** uma introdução à apologética. Tradução Patrícia Merlim. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

STROBEL, Lee. **Em defesa de Cristo:** um jornalista ex-ateu investiga as provas da existência de Cristo. Tradução Antivan Guimarães Mendes; Hans Udo Fuchs. São Paulo: Editora Vida, 2001.

WACHHOLZ, Wilhelm; DREHMER, Darci (Coords.). **Confissão de Augsburgo.** São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura; São Leopoldo: Editora Sinodal; Porto Alegre: Editora Concórdia; Curitiba: Encontro Publicações, 2005.

ZACHARIAS, Ravi. **A morte da razão:** uma resposta aos neoateus. Tradução Lenita Ananias do Nascimento. São Paulo: Editora Vida, 2011.

Submetido em: 26-1-2023

Aceito em: 31-5-2023